



Educação e agroecologia - a história de Rafael¹, de Sem-Terrinha a construtor do futuro

Education and agroecology - the story of Rafael

¹SARQUIS, Joana; ²FREITAS, Eliano

¹Escola Elizabeth Teixeira, joanasarquis@gmail.com, Joana Letícia Sarquis de Messias;

²Universidade Federal de Minas Gerais, elianofreitas@gmail.com, Eliano Martins de Souza Freitas

RELATO DE EXPERIÊNCIA POPULAR

Eixo Temático: Educação em Agroecologia

Apresentação e Contextualização da experiência

Este relato, escrito por uma professora da escola, moradora e agricultora da comunidade a que se refere, trata-se do projeto Educação e Agroecologia do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), aplicado na Escola Elizabeth Teixeira², localizado no Acampamento³ Pátria Livre, em São Joaquim de Bicas, região metropolitana de Belo Horizonte, capital de Minas Gerais. Este projeto tem parceria com o Instituto Cultivar e Terre Des Hommes⁴. A cidade de São Joaquim de Bicas, faz divisa com o município de Brumadinho e encontra-se numa margem do Rio Paraopeba. Esta localização está “no olho do furacão” da exploração de minérios na região metropolitana de Belo Horizonte e é banhada por todas as mazelas decorrentes disso.

Quem faz o encadeamento do raciocínio entre território, escola e o projeto de Educação e Agroecologia é Rafael, que está no Pátria Livre desde o início de sua ocupação, em julho de 2017. Ele estuda na Escola Elizabeth Teixeira desde o 1º ano do ensino fundamental e viu a escola nascer e passar por diversas transformações. E também viu o pânico causado pela quebra da barragem em Brumadinho, da empresa mineradora Vale, em 2019, e as consequências causadas por este crime. Viu também, em 2022, as intensas chuvas no mês de janeiro que transbordou o rio, e destruiu mais de cem residências, além da Escola Elizabeth Teixeira, e trouxe na enxurrada os dejetos e a poluição das barragens de mineração rio acima.

Rafael nos diz sobre o sentimento de ser Sem-Terra e como foi vivenciar todas aquelas emoções decorrentes do crime:

Meu nome é Rafael, tenho doze anos. Estudo no sexto ano e eu tenho cinco irmãos. É muito bom aqui. Eu gosto muito de ser Sem Terra, né? Mas aqui está acontecendo muitas coisas ruins, né? [...] Foi muito triste, né? Foi muito triste. Aconteceu e teve coisas ruins e coisas boas. As coisas boas foi que ninguém morreu, que ninguém se feriu, né? E as coisas ruins é que levou quase tudo, né nosso. (Entrevista feita em maio de 2023)



Em 2019, quando a barragem estourou, Rafael estava com 8 anos. Antes desse ocorrido, ele comumente se banhava no Rio Paraopeba enquanto a sua avó, Magali, com quem ele mora, lavava as roupas. Não tinham máquina de lavar. Na altura, o rio não transbordou, mas ficou marrom e nem Rafael e nem mais ninguém puderam voltar a lavar as roupas ou a nadar no rio. Em janeiro de 2022, Rafael, seus colegas de escolas e toda a comunidade, viu o transbordamento do rio, que além de destruir mais de 100 residências, também inundou toda a escola e seus equipamentos com lama de rejeitos. E mesmo acontecido dois anos depois, nós do Acampamento Pátria Livre, não temos dúvida da relação direta com o rompimento anterior da barragem de Brumadinho. Rafael nos relembra:

Igual o rompimento da barragem, esses negócio aí! Prejudicou muito nós, né? Por conta que nós tinha um galinheiro lá embaixo, nós tinha nossa horta, acabou que foi pro saco, né? Por conta que a lama não deixou quase nada.” Igual lá na escola nós perdemos computadores, perdemos livros, perdemos quase tudo. (Entrevista feita em maio de 2023)

Hoje, a avó de Rafael consegue lavar as roupas na máquina de lavar, pois todos da família recebem o auxílio emergencial, que foi determinado judicialmente, após o rompimento da barragem. Mas para receber este auxílio, a comunidade precisou se organizar e ocupar por duas horas os trilhos de trem operados pela Vale e que passam dezenas de vezes por dia, com vagões abarrotados de minérios. O governo havia reconhecido a comunidade indígena vizinha, ao lado acampamento, como atingida, mas não reconheceu os trabalhadores do MST. Gudynas, 2015, em sua obra Gudynas, E. (2015) *Extractivismos: Ecología, economía y política de un modo de entender el desarrollo y la Naturaleza* chamou de “efeito derrame” as consequências sociais decorrentes da extração predatória de mineração. Uma destas consequências, por exemplo, seria a espécie de “acordo” criado entre mineradoras e governo para convencer a sociedade de que “te contaminamos, mas te recompensamos”. Sobre a escola, Rafael nos diz:

vou começar contando da minha escola, né? Começou quando ela era de madeira. Era de madeira, mas era bem-feita. Aí foi, nós foi reproduzindo, acabou que ela ficou sendo uma Escola do Campo, né? Bem linda. Do jeito que nós esperávamos, né? (Entrevista feita em maio de 2023)

Em seus quase 40 anos de existência, no MST, tão logo ocupa-se um território, uma das primeiras preocupações das famílias é a educação de suas crianças. No Acampamento Pátria Livre não foi diferente. Em novembro de 2017, os próprios trabalhadores reformaram o antigo casarão da fazenda para ser parte administrativa da escola e construíram as salas de aulas. Os primeiros meses deste ano foram marcados pelo exercício de reunir parceiros, (professores, inspetores de diferentes contextos) com ideologias similares e/ou pertencentes a movimentos sociais irmãos.



E, também, na busca de regularizar a escola como um local de Educação Pública e do Campo. A Escola Elizabeth Teixeira foi inaugurada em abril de 2018. De início era o 2º endereço da Escola Sandoval de Azevedo, parte da Fundação Helena Antipoff na cidade de Ibititê. A partir de 2021, passou a ser 2º endereço da Escola Estadual Professora Geralda Eugênia da Silva de São Joaquim de Bicas, mesmo município do acampamento em que fica a escola.

A escola tem 148 estudantes em todos os níveis da educação básica: educação infantil, ensino fundamental, ensino médio e Educação de Jovens e Adultos (EJA), incluindo alfabetização. As turmas de educação infantil e da EJA alfabetização foram implantadas, como sempre, após muita luta e enfrentamento, pela prefeitura, já que não são atribuições do Estado. Ao ser perguntado como era a sua rotina, Rafael respondeu:

Eu todo dia acordo seis horas da manhã para me arrumar, tomar meu café, ir pra escola. Quando eu saio da escola eu jogo um pouquinho de bola, aí depois eu ajudo a fazer as tarefas de casa e é isso. (Entrevista feita em maio de 2023)

Rafael, também participou do momento em que a escola debateu coletivamente o Projeto Político Pedagógico (PPP). O espaço escolar não é separado da comunidade (inclusive sua avó é uma das cozinheiras), não tem sequer muros. Rafael estuda, brinca, põe em prática o que aprende e ensina para os seus colegas e professores outros *modus* de se fazer várias coisas. Igualzinho à dinâmica do Movimento onde ele (ainda) é Sem Terrinha. O menino também entende que deve contribuir na organicidade coletiva da escola. Ele participa de reuniões, compõe os setores de disciplina, horta e cuidados práticos, além de eventos e mística. Dentro de seu contexto escolar, algumas vezes suas aulas são substituídas por lutas e manifestações fora da escola. Marx com a pedagogia socialista, Paulo Freire com a pedagogia humanista e Ana Primavesi com a agroecologia, certamente ficariam muito felizes como Rafael vem se formando na vida. E tudo isso está no PPP desta escola.

Desenvolvimento da experiência

Existem aproximadamente 2 mil escolas dentro de ocupações do MST pelo Brasil, apenas onze escolas participam do projeto: Três na região Nordeste e duas em cada uma das outras regiões do país. São Paulo foi o primeiro estado escolhido na região Sudeste. No final de 2021, o MST de Minas Gerais soube que a segunda escola a ser escolhida seria em Minas Gerais ou no Espírito Santo (por já ter trajetória consolidada em Educação do Campo, dentro do MST). Em Minas Gerais, duas escolas foram pensadas: Escola Estadual Carlos Henrique Ribeiro dos Santos, no Assentamento Dênis Gonçalves, na cidade de Goianá, na Zona da Mata mineira,



e a Escola Elizabeth Teixeira, que das onze participantes do projeto é a única escola de acampamento. As demais estão localizadas em assentamentos.

O projeto Educação e Agroecologia tem como objetivo a aplicação de arranjos produtivos agroecológicos, promovendo a prática e reflexão em torno da agroecologia nas escolas. Visa a construção de um arranjo produtivo como parte da práxis escolar e tem o prazo de três anos: O primeiro ano foi destinado para a apresentação coletiva. Foi realizado também mapeamento, com levantamento de número de estudantes, professores e demais profissionais e seus níveis de escolaridade, e quais os equipamentos existentes na escola. Enfim, uma descrição detalhada do ambiente que receberia o projeto. O setor de educação e a comunidade, ainda neste primeiro ano, escolheram o arranjo produtivo (agroecossistema) da escola, no caso, não só um, mas dois: a horta (que precisava ser retomada depois das enchentes) e um viveiro de mudas. Este último foi escolhido porque na comunidade, e no Movimento em vários territórios do Brasil, está sendo implantado, de várias maneiras, o Projeto Plantar Árvores e Produzir Alimentos Saudáveis. Uma das iniciativas dentro deste escopo é a construção de caráter regional, mas já implantado no Acampamento Pátria Livre, de uma casa de sementes. No acampamento há um grupo de mateiros (que ajuda a catalogar as árvores nativas) e de coletores de sementes (que além de coletarem, organizam e armazenam as sementes). A ideia é que a casa de sementes e o viveiro de mudas se retroalimentem, mesmo que, inicialmente, sejam apenas destinados às hortaliças.

O segundo ano é o momento atual, é o momento de envolver a comunidade escolar com formações coletivas teóricas, com o estudo de verbetes do Dicionário de Educação e Agroecologia e participação em explanações com os autores dos verbetes estudados. Os verbetes propostos pelo coletivo nacional, que está acompanhando este projeto foram, até agora: Agroecologia, Agrossistemas e Pedagogia do Capital e que estão referenciados neste artigo. Além dos estudos, fez-se reuniões para listar os materiais necessários, adquiridos no final do mês de abril, para iniciar a implantação dos arranjos produtivos.

A intenção é que toda a comunidade se sinta parte do processo. Escolheu-se uma área, ao lado da Casa de Sementes, que mesmo pertencendo à escola, é uma área aberta, com acesso a todos. No mês de maio, aconteceram dois mutirões com a comunidade. No primeiro realizou-se uma limpeza geral e manejo das bananeiras que já estavam plantadas no local. Uma estudante do 7º, que já praticava o manejo de bananeiras no seu lote, e que também participou de vários cursos pelo Movimento, fez uma explanação para toda a escola sobre a atividade. Antes do segundo mutirão, os estudantes a partir do 6º ano (turma de Rafael) se reuniram e desenharam uma espécie de mapa da disposição dos canteiros. Cada turma delimitou um espaço e pensou no formato deles. A turma de Rafael escolheu o



formato de coração. Coletivamente decidiu-se colocar três canteiros com a sigla MST, no centro do espaço da horta, que ficaram destinados às turmas da educação infantil até o 3º ano do ensino fundamental. Os estudantes ficaram tão empolgados com o processo que, onde viam que ainda tinha espaço, iam construindo sem parar, novos canteiros, ultrapassando e sem se importar com o número de turmas. O segundo mutirão serviu para colocar cerca, arar e nutrir a terra com cálcio e fósforo; fazer os canteiros e forrá-los com esterco e matéria orgânica. No dia 19 de maio, inaugurou-se o novo espaço da horta com o plantio de cada turma em seus canteiros e participação de todas as séries da escola, utilizando o sistema de consórcio. Rafael fala sobre os processos de construção da horta, da sua participação e o que foi plantado no canteiro da sua turma.

Pra construir a nova horta teve reuniões, mística, plantações em coletivo. Minha participação na horta foi que eu arei a terra ajudei fazer os canteiro e ajudei plantar e ajudei fazer a cerca. ...eu plantei no canteiro da minha turma foi espinafre, cebolinha, cebola, alho, alface e esses trem. E couve? É. É isso. (Entrevista feita em maio de 2023)

No dia 01 de junho, o Acampamento Pátria Livre recebeu visitantes de outros territórios do MST da região metropolitana e inauguramos o viveiro de mudas e a casa de sementes para toda a regional, com a adição das primeiras espécies de mudas e sementes nas prateleiras dos dois equipamentos.

O próximo ano será o terceiro e último do projeto. Terá a finalidade de sistematização e publicação das práticas em Educação em agroecologia, com base nas experiências destas 11 escolas espalhadas pelo Brasil. Porém, há intenção de estendê-lo tanto onde já foi implantado, repensando a continuidade e outras práticas, como em outros territórios, tendo como espelho estes primeiros. Todo esse processo está tendo acompanhamento e assessoria da Assistência Técnica Social e Ambiental em áreas de reforma agrária (ATES) que fazem parte do Projeto de Restauração Florestal e Desenvolvimento Rural Sustentável na Bacia do Rio Paraopeba, em Minas Gerais.

Desafios

Já neste processo de implantação, deu para perceber o quanto foi rico o aprendizado e as possíveis potencialidades. Todas as matérias contribuíram com o processo, seja a química estudando a adição dos substratos na terra ou o letramento na alfabetização com seus usos práticos de leitura, por exemplo. Com este projeto iniciamos um agrossistema. Há, portanto, o desafio da reflexão permanente de como utilizar o espaço para as práticas pedagógicas de modo a pensar a coletividade e a continuidade dentro de um território.



A agroecologia já vem sendo pauta de um possível caminho, em oposição ao que é posto pelo sistema destrutivo do capitalismo, e em suas práticas educativas se propõe a problematizar a realidade e a transformá-la e isto envolve também a superação do racismo (de qualquer tipo), do machismo e das práticas desiguais de todas as naturezas. Agroecologia pressupõe o reconhecimento das mulheres e de saberes ancestrais.. Então, um outro grande desafio é que este espaço vivo de agroecologia abrace a participação ativa de outros setores, para além da escola, como as mulheres e a Juventude.

Principais resultados alcançados

“Que que eu entendo de agroecologia? É. Não entendo muita coisa não.” (Entrevista feita em maio de 2023). Esta descoberta para Rafael está sendo feita, como diz Paulo Freire, no nível da ação. Logo, Rafael vai conseguir traduzir sua prática no nível intelectual, mas ele já está caminhando para que a agroecologia seja a sua práxis natural. Este garoto que, em sua horta junto a sua família, planta urucum, café, alface, couve, mostarda e muito mais, “eu gosto muito, eu cuido, ajudo o meu vô e minha vô” (Entrevista feita em maio de 2023) está crescendo e se forjando como um construtor de um futuro diferente e possível. Com caminhos alternativos ao que é posto como natural pelo sistema capitalista, como competição, egoísmo, degradação e fome. O menino que veio da favela e que tinha uma “vida traçada”, agora é um camponês de luta e será um agente de um novo tempo, tendo a liberdade (com todos os sentidos e responsabilidades que carrega) como palavra de ordem para a sua vida.

Pela segunda vez Rafael participou da construção da horta. A primeira foi destruída com a cheia do Rio Paraopeba e o derramamento de rejeitos de minérios. A segunda horta, junto com um viveiro de mudas e uma casa de sementes, tem sido construída com a participação ativa do menino e seus colegas. Sob a discussão do papel da agroecologia para a educação e para a transformação social, ele nos responde sobre a diferença entre as duas hortas:

não tem quase nada de diferença, né? Que essa horta agora está sendo feita com muito carinho, muito amor, né? A gente nunca vai esquecer dela. Por conta que não é só a gente do sexto ano, não é só a gente do sétimo, é a escola toda que está produzindo e construindo. (Entrevista feita em maio de 2023)

Uma das diferenças que Rafael não percebeu, é que a primeira horta foi feita quase que no modo automático do cultivo que nos é massivamente ensinado. Não se tinha, por exemplo, a cobertura do solo em que se mantém a umidade. Não se tinha a reflexão da agroecologia naquelas práticas.



Disseminação da experiência

Esta experiência foi sistematizada em forma de artigo, para finalização do curso de Especialização Escola da Terra, voltado para professores de Educação do Campo, promovido pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. A conclusão do artigo é uma carta ao Rafael. Abaixo, transcrevo um resumo dessa carta.

Rafael, termino este artigo de uma maneira que nem sei se pode no mundo acadêmico, ou das universidades. [...] gostaria muito que você se reconheça neste material e que ele seja compreendido por você, por sua família, pelos seus colegas e por toda a companheirada da nossa luta. Falando na nossa luta, eu sou muito feliz de ver você crescendo debaixo dos ensinamentos de consciência de classe, do direito à terra, ao alimento saudável e sem agrotóxico, do direito a viver uma educação que faz parte da sua realidade que mesmo, em meio a tantas contradições (e eu tenho certeza de que você também conhece essa palavra) você vai desfrutar da liberdade de poder ser o que quiser. Amo a sua consciência, bem a cara do Paulo Freire que está estampado nas paredes da nossa escola, de que todos aprendemos e ensinamos. Eu mesma aprendo muito com você! [...] Você viveu a escola e a relação com a comunidade em todas as etapas, desde o início de nossa ocupação e viveu também todos os processos bons e ruins ocorridos. [...] Você, Sem-Terrinha, está um passo de ser juventude [...], já percebe o transtorno de opções predatórias que as mineradoras fazem com a gente e está assimilando que a agroecologia é um caminho de combate deste sistema exploratório. A projeção e meu sonho é que você, seus colegas e seus irmãos sejam adultos agentes transformadores do novo tempo, das novas gerações vindouras.

Quando eu crescer eu quero ser um jogador de futebol, né? Meu sonho. E o que eu penso pro futuro é que as crianças pequena não cresçam e vai pro caminho ruim, né? Quero que eles cresçam e estudam. Quero que eles cresçam e estudam pra eles aprender o que a gente aprendeu. (Entrevista feita em maio de 2023).

Notas:

¹. Os nomes das personagens foram alterados para preservação da identidade dos sujeitos citados e entrevistados neste estudo. Rafael escolheu o nome que foi usado neste relato.

². Normalmente no MST se homenageia pessoas que morreram e que tiveram uma trajetória de luta representativa. Elizabeth Texeira é uma das poucas exceções. Uma mulher em seus 97 anos de idade, reconhecida pela sua luta junto ao seu companheiro Pedro Texeira e por ser uma militante da educação do campo.



³. A diferença entre acampamento e assentamento é que o primeiro é uma ocupação sem regulamentação do estado. Assentamento é um processo que passa pela compra da terra pelo governo ao 'dono' e distribuição para famílias camponesas com ordenamento do INCRA.

⁴. Instituto Cultivar e Terre Des Hommes são as pessoas jurídicas financiadoras deste Projeto de Educação e Agroecologia em escolas da Reforma Agrária.